

PREGÃO ACADÉMICO

Recitado em 5 de Dezembro de 1920

POR

Bento da Costa Caldas

Estudante do 7.º ano de letras



Jerónimo Sampaio



Dr. Bráulio Caldas

Aos entusiastas de 1895

A's vezes une a sorte as criaturas
Para delas tirar maior proveito,
E diz a cada uma: «Quem procura
Al tens, vive agora satisfeito.»

E logo se desfazem as agruras
Que lhes roíam lentamente o peito,
Sentindo depois disso só venturas,
A que tinham legítimo direito.

Assim estas ligou, em certo dia,
Cedendo a uma a chama da Poesia
E a outra o entusiasmo que ainda resta...

Duas vidas, de cuja mocidade,
Guimarães se recorda com saudade
E foram toda a alma desta festa!...

FAZ hoje, exactamente, vinte e cinco anos
Que um bando de rapazes joviaes, insanos,

Fitando, piamente, os olhos lá no ceu,
Disseram entre si: «Nicoláu não morreu!...
Ah com que saudade nos lembramos ainda
Da sua antiga festa tão formosa e linda!
Quanta vez, quanta vez, no seu celesté empíreo,
Não sentiria ele o peito num delírio
Ouvindo, cá em baixo, os rufos dos tambores!
Não possuímos nós os juvenis ardores
Que a louca mocidade dentro em si contem,
Para que a Nicolau festejemos também?...»
Assim falaram... E, ligeiros como um raio,
Logo o saudoso *Bráulio* e o adorado *Sampaio*
Desceram, num rompante, *ds entranhas da tumba*,
Ressuscitando a festa a toques de zabumba.
Ha dez anos que a pobre estava, sem alento!...
Arquivada, entre o pó dos fólhos da SARMENTO!
De novo o velho ardor hoje, em nós, se retrata
Para comemorar tuas *bodas de prata*.
Estudantes doutróra, oh velhos! um abraço!
Vinde daí também, dai-nos o vosso braço,
Agarrai num tambor, pegai numa baqueta,
E que apareça alguém que connosco se meta!...
Não choreis; eu bem sei que isto vos causa pena
Lembrar-vos, outra vez, as idas á novena
Antes do sol nascer... Não me faltava assunto:
Ali, na Conceição, o belo *caldo de unto*;
As *posses* que duravam uma noite inteira;
Doces e vinho fino... Ah quanta bebedeira!...
Andava toda a gente aí numa balbúrdia
Enquanto não findasse essa medonha estúrdia!
Chegavam a partir-se os braços mais as pernas,
C'os efeitos de tantas revoluções internas,
Até que, comprimindo o ventre barrigudo,
Abriam muito a boca e vomitavam tudo!...

Guimarães, nosso orgulho, orgulha-te de nós,
Que assim vamos cumprindo a herança dos avós!
Que seria de tí, desta velha cidade,
Se um dia lhe faltasse a flor da mocidade?!
Quem faria que tu, tanta vez, te sorrisse,
Se nos mostrasses só carcomidas velhices,
O-caruncho e o bolor?... Sem os teus estudantes,
Serias ainda agora o mesmo que eras dantes,
Sem teus belos projectos do arquiteto Marques,
Nem parques ideais que nunca foram parques...
Avenidas tafuis sem casas, nem esquinas,
E grandes construções a cair em ruínas!...
A progredir assim, certo, ninguém recceia
Em affirmar que tu excedes a Pompeia...
Pois se até (coisa estranha!) a tua gente fina
Para tomar café precisa de ir á «*Chinã*»!...
Em inventos, então, não há como este sol:
—Não morrerá ninguém tomando o «*SANITOL*»!...

A nossa capa negra oculta funda mágua
Lembrando, neste instante, os olhos rasos de água,

Os que há pouco desceram ainda à terra fria:
O Ribeiro, o Miranda, o bom José Maria
E o capitão da Maina—ilustres professores.
Sentimo-nos feridos por acerbos dores,
Enviando-vos também até à eternidade
A sincera expressão duma funda saudade.
Vós outros que, com brilho e rara competência,
Nos abris o caminho imenso da Sciência,
Recebei nosso preito ardente e respeitoso.

Andorinhas do amor, que viveis sem repouso,
Repletas de fadiga e preocupações,
Deixai-nos partilhar das vossas ilusões!
Esquecer-me de vós seria muito injusto!
Prometo-vos, p'r'ó ano, entrardes no *Magusto*,
Co'a condição porém (porque é petisco raro)
De não beberdes vinho por 'star muito caro...
Trabalhai, trabalhai, como a tal *costureira*,
A agulha e o dedal aqui à nossa beira,
Sem nos abandonar, que a vida passa breve;
E, se preciso for um dia fazer greve,
Havemos de ir também convosco para a rua!...

Vós, camelias gentis, da alva côr da lua,
Que viveis a relêr, cheias de comoção,
As páginas fatais do «*Amor de Perdição*»;
Qual de vós, qual de vós será o meu enlévo?!
Se me ponho a escolhêr, decerto, nem me atrevo,
Pois a todas eu dou a minha preferência...
Se numa me seduz a graça da inocência
No seu olhar azul... naquela é o rosto belo
Envolto no negror das tranças do cabelo;
Naquel'outra a elegância, o porte peregrino
E o talhe escultural do seu corpo divino.
Perde-se o meu olhar fitando extasiado
A belesa sem par de tanto ser amado!...
Deus fadou a mulher para encantar o homem:
As lutas que êle tem, as dôres que o consomem,
Tudo em pó se desfaz ao pé da sua estrela!
Por isso, ao vosso lado, a vida é sempre bela
Estrelando o porvir com raios de esperança:
—Venturoso o que espera e ainda mais o que alcança.
Bemditas seiais vós, camelias do luar,
Que aosromeiros do amor, os ensinai a amar!

Adeus, bom povo amigo, inventor de quimeras!
Para traz a tristeza, haja alegria... e *peras*!...
Nossa jornada é grande e bem alta a missão
De recitar êste ano o célebre *PREGÃO*.
E tu, querido Santo e amado Nicolau,
Faze que embarateça, em breve, o bacalhau!
Ah, não deixes morrer a humanidade à fome,
Que ela só é feliz enquanto bebe e come!
P'ra que sempre em teu dia, com furor leonino,
Os filhos de Minerva *assaltem* o teu hino!...

Jerónimo de Almeida.